conexão
DOI: 10.5212/Rev.Conexao.v22.26860.052

ENTRE PAREDES E VOZES: O AUDIOVISUAL COMO METODOLOGIA DE CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NO ENSINO DE PATRIMÔNIO

BETWEEN WALLS AND VOICES: AUDIOVISUAL PRODUCTION AS A METHODOLOGY FOR EXTENSION CURRICULUM INTEGRATION IN HERITAGE EDUCATION

Submissão:
08/06/2026
Aceite:
03/11/2026

Jauri dos Santos Sá [1] https://orcid.org/0000-0002-5268-3566
Kaue Pastório Borges [2] https://orcid.org/0009-0003-9183-2522

Resumo

A curricularização da extensão tem desafiado os Cursos de Graduação a desenvolverem práticas formativas capazes de integrar universidade, comunidade e território. Sendo assim, este artigo analisa uma experiência (relativa à extensão), desenvolvida na disciplina Arquitetura e Patrimônio (2025/A), Curso de Arquitetura e Urbanismo da Univates, vinculada ao projeto de extensão Patrimônio Vivo. A proposta utilizou a produção audiovisual no formato de documentário como metodologia extensionista visando promover processos de escuta, leitura territorial e construção compartilhada de narrativas sobre patrimônio cultural. Como resultado, foram produzidos doze documentários relacionados a edificações e espaços significativos para os participantes e suas comunidades. A experiência indicou o potencial do audiovisual para fortalecer os vínculos entre universidade e sociedade, ampliar a participação comunitária e favorecer a compreensão do patrimônio como construção social vinculada às memórias, aos afetos e às práticas cotidianas dos territórios.

Palavras-chave: Curricularização da extensão; Extensão universitária; Audiovisual; Patrimônio cultural; Arquitetura e Urbanismo.

[1] Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, Lajeado/RS *jauri.sa@univates.br*
[2] Aluno de graduação na Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, Lajeado/RS *kaue.borges@univates.br*

Abstract

Extension curriculum integration has challenged undergraduate programs to develop educational practices capable of connecting university, community, and territory. This article analyzes an extension curriculum integration experience in the Architecture and Heritage course (2025/A) of the Architecture and Urbanism program at Univates, linked to the Patrimônio Vivo extension project. The initiative adopted documentary filmmaking as an extension methodology to promote listening processes, territorial reading, and the collaborative construction of narratives about cultural heritage. As a result, twelve documentaries were produced focusing on buildings and places considered meaningful by participants and their communities. The experience indicated the potential of audiovisual production to strengthen relationships between university and society, expand community participation, and foster an understanding of heritage as a social construction connected to memory, affection, and everyday territorial practices.

Keywords: Extension curriculum integration; University extension; Audiovisual production; Cultural heritage; Education in Architecture and Urbanism.

Introdução

A curricularização da extensão tem se consolidado como uma das principais transformações recentes na Educação Superior Brasileira, exigindo das instituições e dos Cursos de Graduação a construção de práticas formativas capazes de integrar ensino, pesquisa e interação com a sociedade. Regulamentada pela Resolução CNE/CES nº 7 de 18 de dezembro de 2018, a extensão passou a ocupar posição estruturante nos projetos pedagógicos dos cursos, demandando experiências que promovessem a participação dos estudantes em ações vinculadas às necessidades, saberes e dinâmicas dos territórios. Mais do que uma adequação normativa, a curricularização da extensão representa uma oportunidade de reconfiguração dos processos formativos ao aproximar a universidade das realidades sociais com as quais se relaciona.

Entretanto, a incorporação da extensão aos currículos também tem revelado desafios importantes. Em muitos contextos, existe o risco de que a curricularização seja reduzida ao cumprimento formal de carga horária e/ou à realização de atividades pontuais sem efetiva interação entre universidade e comunidade. Nesses casos, ela tende a assumir caráter burocrático desvinculado de processos de escuta, participação e construção compartilhada de conhecimento. Tal cenário evidencia a necessidade de desenvolver metodologias capazes de fortalecer a sua dimensão formativa e promover experiências significativas para os estudantes bem como aos sujeitos e comunidades envolvidos.

Essa perspectiva se aproxima das contribuições da extensão crítica latino-americana. Para Tommasino e Cano (2016), a extensão universitária deve ser compreendida como um processo dialógico de produção de conhecimento fundamentado na interação entre diferentes sujeitos e saberes. Em oposição

a modelos centrados na transmissão unilateral do conhecimento acadêmico, a extensão crítica propõe relações construídas a partir da escuta, participação e reconhecimento dos saberes produzidos nos territórios. Nessa concepção, a universidade deixa de ocupar exclusivamente o papel de emissora do saber e passa a atuar como parceira na construção de processos coletivos de aprendizagem.

A dimensão formativa dessas experiências pode ser compreendida a partir das reflexões de Larrosa (2002) para quem a experiência não se limita ao que acontece, mas ao que nos acontece, afeta e transforma. A formação, nesse sentido, ocorre quando os sujeitos são atravessados por situações que desafiam suas percepções e produzem novos modos de compreender a realidade. Ao promoverem encontros entre estudantes e comunidades, as práticas extensionistas criam condições para que o conhecimento seja construído não apenas pela transmissão de conteúdos, mas também pela experiência vivida, escuta e diálogo com diferentes indivíduos e contextos.

No campo da Arquitetura e Urbanismo, tais reflexões assumem particular relevância para o ensino de patrimônio. Tradicionalmente orientado por análises históricas, formais e técnicas, esse campo de estudos tende a privilegiar a materialidade das edificações e seus atributos arquitetônicos, frequentemente afastando-se das experiências sociais, memórias e narrativas que atribuem significado aos espaços construídos. Embora fundamentais para a compreensão do patrimônio cultural, as abordagens centradas exclusivamente na dimensão material podem limitar o reconhecimento dos vínculos afetivos, simbólicos e comunitários que constituem os processos de patrimonialização.

Nesse contexto, o audiovisual apresenta potencial como metodologia de curricularização da extensão. Mais do que um instrumento de registro, o documentário viabiliza articular observação, escuta e interpretação, favorecendo processos de aproximação entre universidade, comunidade e território. Ao mobilizar entrevistas, narrativas orais e experiências cotidianas, a produção audiovisual amplia as possibilidades de leitura do Patrimônio Cultural e contribui para a valorização das memórias e dos saberes locais. Como destaca Freire (1989), a leitura do mundo precede a da palavra; desse modo, compreender o patrimônio implica também reconhecer as histórias, afetos e experiências que atravessam os espaços e as comunidades.

Nessa perspectiva, o presente artigo analisa uma experiência de curricularização da extensão desenvolvida na disciplina Arquitetura e Patrimônio (2025/A), Curso de Arquitetura e Urbanismo da Univates, vinculada ao projeto de extensão Patrimônio Vivo. A atividade consistiu na produção de doze documentários realizados por estudantes, articulando Patrimônio Cultural, história oral e linguagem audiovisual como estratégias de aproximação entre universidade e comunidade. No que concerne ao objetivo, é analisar o potencial do audiovisual como metodologia de curricularização da extensão no ensino do patrimônio, discutindo em que medida a experiência contribuiu para fortalecer a interação entre estudantes e comunidades locais, ampliar a compreensão do patrimônio como construção social e promover processos formativos fundamentados na escuta, diálogo e leitura territorial.

Cumpre informar que, no presente trabalho, da produção dos doze documentários apresentados no evento de socialização no auditório da Univates, por razões práticas e de aprofundamento qualitativo, focou-se a análise detalhada em apenas uma das experiências - a produção do documentário "*Uma visita à história da Capela São Marcos*" -, tomada como estudo de caso pela intensidade do vínculo entre os estudantes e a comunidade, além de ilustrar plenamente a abordagem metodológica aplicada ao conjunto do componente curricular. O objetivo desta análise não se restringe apenas a apresentar um objeto de estudo que represente a atividade como um todo, mas também o de evidenciar a perspectiva da extensão na comunidade com um exemplo prático.

Percurso metodológico da experiência extensionista

A experiência analisada neste artigo foi desenvolvida na disciplina Arquitetura e Patrimônio (2025/A) e integrou a carga horária extensionista, prevista no Projeto Pedagógico do Curso em conformidade com a Resolução CNE/CES nº 7/2018 (Brasil, 2018) e a Resolução nº 008/Consun/Univates (Univates, 2021). A proposta se inseriu no contexto das ações de curricularização da extensão desenvolvidas pela instituição, com o intuito de promover aproximações entre universidade, comunidade e território, por meio da produção audiovisual. Nesse contexto, o documentário foi adotado não apenas como produto final da atividade, mas também como metodologia extensionista voltada à escuta, à leitura territorial e à construção compartilhada de narrativas sobre patrimônio cultural.

A atividade envolveu 24 estudantes, organizados em doze duplas, visando à realização de documentários de curta duração, que contou também com a participação direta de 30 moradores, lideranças comunitárias e frequentadores dos territórios analisados. No total, foram produzidos e apresentados 12 documentários relacionados a edificações e espaços considerados significativos pelos estudantes e comunidades envolvidas, abrangendo residências familiares, capelas, estabelecimentos comerciais e construções associadas à memória coletiva de diferentes municípios do Rio Grande do Sul conforme sintetizado na Tabela 1. Onze duplas elaboraram cartazes de divulgação, reunidos no painel da Figura 1.

Figura 1: Painel com os cartazes dos documentários (onze das doze produções)



Fonte: Acervo projeto de extensão Patrimônio Vivo

Tabela 1: Síntese das produções audiovisuais desenvolvidas no componente curricular de Arquitetura e Patrimônio (2025/A)

Título do Documentário	Município / Localidade	Tipo de Edificação	Entrevistados	Duração (mm:ss)
1. Uma visita à história da Capela São Marcos	Arvorezinha / RS (Linha Quarta Baixa)	Religiosa / Capela	4*	13:57
2. Casa Imelda e Bruno	Arroio do Meio / RS (Picada Arroio do Meio)	Residência familiar	4	15:14
3. Vó Duvina	Lajeado / RS (Centro)	Comercial / Gastronômica	1	17:30
4. Primo Café	Guaporé / RS (Centro)	Comercial / Gastronômica	1	12:46
5. Família Daltoé	Encantado / RS Lagoa Garibaldi (zona rural)	Residência familiar	3	18:19
6. Morar Mello	Lajeado / RS (Centro)	Residência familiar	2	15:47
7. Residência Görgen	Teutônia / RS (Zona rural)	Residência familiar	5	16:38
8. Casa Beckerheim	Lajeado / RS (Bairro Carneiros)	Residência familiar	3	10:46
9. Raízes do Tempo	Teutônia / RS (Zona rural)	Residência familiar	2	14:44
10. Casa da Família de Reinoldo e Rosalina Hepp	Sério / RS (Arroio Alegre)	Residência familiar	1	22:48
11. Casa da Família Konrath	Teutônia / RS (Zona rural)	Residência familiar	2	14:38
12. Armazém Único	Porto Alegre / RS (Bairro Navegantes)	Comercial / Bodega	2	10:30

Fonte: Elaborado pelos autores com base no acervo da disciplina Arquitetura e Patrimônio (2025A)

** Seis pessoas assinaram o TCLE; porém, apenas 4 aparecem no vídeo*

O percurso formativo foi estruturado em quatro etapas complementares. A primeira consistiu na construção de repertório teórico sobre Patrimônio Cultural, memória social, história oral e extensão universitária. As atividades buscaram ampliar a compreensão dos estudantes sobre o referido patrimônio como construção social e cultural, superando abordagens centradas exclusivamente na materialidade das edificações. Paralelamente, discutiram-se os princípios da curricularização da extensão e a importância da interação entre universidade e sociedade como dimensão constitutiva da formação acadêmica.

Por sua vez, a segunda etapa correspondeu à formação em linguagem audiovisual. Para isso, foi realizada uma oficina introdutória ministrada pelo professor Flávio Roberto Meurer, coordenador do projeto de extensão Linguagens: Palavras e Imagens. Nesse sentido, abordaram-se aspectos relacionados à linguagem documental, elaboração de roteiros, enquadramento, captação de imagem e som, condução de entrevistas e procedimentos éticos vinculados ao registro audiovisual. Nessa etapa, o documentário foi apresentado como instrumento de investigação, interpretação e mediação cultural capaz de favorecer processos de escuta e aproximação com as comunidades.

Já a terceira etapa constituiu um momento de interação direta com os territórios e os sujeitos envolvidos. As duplas selecionaram edificações e espaços significativos em suas cidades ou comunidades de origem, priorizando locais associados a memórias familiares, práticas coletivas e experiências comunitárias. Embasados nessa definição, os estudantes realizaram visitas de campo, registros fotográficos e audiovisuais, além de entrevistas com moradores, familiares, lideranças comunitárias e frequentadores dos espaços selecionados. Mais do que coletar informações sobre as edificações, a atividade buscou estimular processos de escuta e diálogo, viabilizando a compreensão do patrimônio a partir das narrativas e experiências compartilhadas pelos participantes.

Por fim, a quarta etapa compreendeu a organização, edição e socialização dos documentários produzidos. Com acompanhamento docente, os estudantes elaboraram narrativas audiovisuais que articularam depoimentos, imagens das edificações e registros do contexto territorial. Concluídos os trabalhos, os documentários foram apresentados publicamente no evento realizado no auditório do Prédio 11 da Univates, no qual reuniram-se estudantes, professores, familiares e representantes das comunidades participantes (Figura 2). A exibição dos trabalhos constituiu um momento de devolutiva social com o intuito de possibilitar aos sujeitos envolvidos reconhecerem suas histórias e memórias nas narrativas construídas ao longo da experiência.

Figura 2: Apresentação dos documentários no auditório do Prédio 11 da Univates



Fonte: Acervo projeto de extensão Patrimônio Vivo

Para acompanhar os resultados da atividade extensionista, a equipe docente adotou três procedimentos: a) acompanhamento contínuo mediante assessoramentos parciais às duplas em cada etapa do projeto; b) realização de rodas de conversa reflexivas com os estudantes após a sessão pública de apresentação dos documentários; c) aplicação de um formulário qualitativo de autoavaliação e preenchimento opcional ao final do semestre no qual os discentes registraram as percepções sobre o aprendizado, a relação com a comunidade e os impactos da atividade na sua formação acadêmica e cidadã. Nessa análise, utilizaram-se apenas os registros do formulário.

Além da apresentação acadêmica, o documentário sobre a Capela São Marcos passou a integrar ações culturais vinculadas ao projeto Patrimônio Vivo, ampliando a circulação pública da produção para além do ambiente universitário. Esse movimento reforçou o caráter extensionista da proposta ao promover o compartilhamento do conhecimento produzido e a valorização das memórias comunitárias. Dessa forma, o percurso metodológico adotado permitiu compreender o audiovisual como uma estratégia de curricularização da extensão capaz de integrar formação acadêmica, leitura territorial, diálogo de saberes e participação comunitária no ensino de Arquitetura e Urbanismo.

Aspectos éticos da experiência

A produção dos documentários envolvidos na atividade extensionista exigiu rigoroso cuidado ético, uma vez que mobilizou depoimentos, registros fotográficos e audiovisuais de sujeitos e territórios comunitários. Nesse sentido, orientou-se permanentemente os estudantes no que se refere à autonomia, à dignidade e à privacidade das pessoas entrevistadas em conformidade com as diretrizes éticas da extensão universitária.

A participação dos voluntários da comunidade externa foi precedida da apresentação detalhada dos objetivos pedagógicos e sociais da atividade e formalizada mediante o preenchimento e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento padronizado e disponibilizado pelo Núcleo de Extensão Acadêmica da Univates. O termo informava que a entrevista seria gravada pelos estudantes e que as informações coletadas gerariam um documentário a ser apresentado em maio de 2025. Ademais, assegurava o direito de pedir esclarecimentos, abandonar a entrevista a qualquer momento sem prejuízo e manter sigilo sobre a identificação. Os termos assinados se encontram arquivados sob a responsabilidade da coordenação do projeto. A divulgação pública dos documentários, o uso de suas imagens e depoimentos neste artigo contaram com a autorização complementar dos participantes.

Ao longo do desenvolvimento dos trabalhos, buscou-se assegurar uma abordagem pautada pelo diálogo, escuta e reconhecimento dos saberes comunitários, considerando os entrevistados colaboradores na construção das narrativas produzidas. Dessa forma, a experiência procurou estabelecer relações de respeito e reciprocidade entre estudantes, universidade e comunidades participantes em consonância com os princípios que orientam as práticas extensionistas.

Resultados e discussão

Audiovisual, patrimônio e formação extensionista

A produção dos doze documentários permitiu observar resultados que ultrapassaram a elaboração de materiais audiovisuais sobre edificações e espaços de interesse patrimonial. Ao longo do percurso extensionista, o audiovisual se constituiu um instrumento de aproximação entre universidade

e comunidade, favorecendo processos de escuta, diálogo e construção compartilhada de narrativas. Os resultados indicam contribuições relacionadas ao fortalecimento das relações entre estudantes e comunidades locais, à ampliação das experiências formativas proporcionadas pela curricularização da extensão e à compreensão do patrimônio como fenômeno cultural vinculado às memórias e aos modos de vida dos territórios.

A análise da experiência foi organizada em três eixos complementares: a) o audiovisual como mediação entre universidade e comunidade; b) a transformação do olhar dos estudantes a partir da experiência extensionista; c) a ampliação da compreensão do patrimônio como construção social. Esses eixos dialogam diretamente com os referenciais apresentados anteriormente, especialmente as contribuições da extensão crítica (Tommasino; Cano, 2016), da experiência formativa (Larrosa, 2002) e das perspectivas que compreendem o patrimônio como processo socialmente construído.

O audiovisual como mediação entre universidade e comunidade

A produção dos documentários mostra que o audiovisual desempenhou um papel que ultrapassou a simples função de registro das edificações estudadas. Nesse sentido, a experiência se aproximou da perspectiva da extensão crítica proposta por Tommasino e Cano (2016) ao promover relações fundamentadas na interação entre diferentes sujeitos e saberes.

As entrevistas realizadas com moradores, familiares, lideranças comunitárias e frequentadores dos espaços selecionados oportunizaram encontros que deslocaram os estudantes da posição de observadores externos para uma atuação mais próxima da mediação cultural. Diferentemente de práticas acadêmicas centradas apenas na coleta de informações, a produção audiovisual exigiu convivência, escuta atenta e reconhecimento das experiências compartilhadas pelos participantes.

O documentário "*Uma visita à história da Capela São Marcos*"[1] foi selecionado como estudo de caso pela intensidade do vínculo estabelecido entre as realizadoras e a comunidade retratada. Produzido pelas acadêmicas Luíza Malvessi Lagemann e Lívia Maria Kipper, o curta apresenta a Capela São Marcos (Figura 3), localizada na Linha Quarta Baixa, interior de Arvorezinha (RS), uma edificação de madeira, com mais de um século de existência, preservada pelos próprios moradores.

As realizadoras organizaram o material bruto em quatro partes: chegada à Capela São Marcos, entrevistas, entrega do quadro e conclusão. Os trechos das entrevistas foram divididos em quatro títulos:

Figura 3: Foto da fachada da Capela São Marcos.



Fonte: Luíza Malvessi Lagemann e Lívia Maria Kipper

[1] Acesso ao documentário "Uma visita à história da Capela São Marcos" (Lagemann; Kipper, 2025), no YouTube: https://youtu.be/qRiwPms18Co

"o passado", "a reforma", "o presente" e "o futuro", compondo um retrato plural da história da referida Capela, e, assim, possibilitar que o tempo se tornasse um fio condutor entre as diferentes memórias. Ao deixá-las sem narração externa, deu-se destaque às enunciações dos membros da comunidade, permitindo que o espectador se colocasse no lugar das autoras, estudando-os como fizeram no dia da visita.

As entrevistas e registros realizados revelam que a permanência simbólica da edificação estava associada não apenas à sua conservação física, mas também à continuidade das memórias e formas de pertencimento compartilhadas pela comunidade. O processo de devolutiva, materializado na entrega de um croqui da edificação aos membros da comunidade, reforçou o caráter dialógico da experiência ao promover relações de troca, reconhecimento e valorização mútua entre universidade e comunidade (Figura 4).

Figura 4: Entrega do croqui à comunidade da Capela São Marcos.



Fonte: Acervo projeto de extensão Patrimônio Vivo

A dimensão extensionista da proposta também se manifestou na socialização pública dos documentários. A exibição das produções no auditório da Univates favoreceu o encontro de familiares, moradores e representantes das comunidades com as narrativas construídas pelos estudantes, ampliando o alcance da atividade para além do ambiente acadêmico. Da mesma forma, a posterior exibição do documentário sobre a Capela São Marcos durante a Festa do Pão de 2025

(Figura 5), no Museu do Pão de Ilópolis/RS, indicou o potencial do audiovisual como instrumento de circulação pública da memória e valorização cultural dos territórios.

Figura 5: Exibição do documentário e exposição de croquis no Museu do Pão (2025)



Fonte: Acervo Museu do Pão

Os resultados indicam que o documentário atuou como dispositivo de mediação entre universidade e sociedade. Dessa forma, fortaleceu vínculos comunitários e ampliou as possibilidades de participação dos sujeitos envolvidos na construção das narrativas patrimoniais.

A experiência extensionista e a ampliação do olhar dos estudantes

O projeto Patrimônio Vivo se configurou como um campo de experimentação didático-metodológica em que o conhecimento técnico foi atravessado por dimensões éticas, sociais e simbólicas. Ao aproximar o estudante do território, o projeto convocou uma postura ativa de leitura e de interpretação do espaço construído. Nesse processo, documentar também se tornou um exercício de escuta em que o olhar projetual se deslocou do objeto para o sujeito e da forma para a experiência.

A relação estabelecida entre as realizadoras do documentário e a comunidade da Capela São Marcos ilustrou, em pequena escala, o propósito da extensão universitária: a construção de um conhecimento situado e colaborativo. A troca de saberes ali vivida não se reduziu à dimensão pedagógica, mas se configurou em um gesto político e cultural de valorização do patrimônio e das identidades locais.

Com o propósito de observar como os estudantes descreveram essa experiência, recorreu-se aos registros do formulário de autoavaliação aplicado ao final da disciplina (2025/A). O preenchimento era opcional; a produção do documentário, obrigatória. Os sete registros reproduzidos na sequência correspondem à totalidade das respostas recebidas (cerca de 29% da turma). O formulário foi concebido como atividade avaliativa da disciplina e não como instrumento de pesquisa. Não foi semiestruturado, validado, tampouco aplicado antes da atividade. Por isso, os registros são tratados como depoimentos reflexivos: indicam como os estudantes narraram a experiência, mas sem medir

mudança de percepção. Soma-se a isso, o vínculo avaliativo entre estudantes e docente, que favoreceu respostas alinhadas ao repertório da disciplina. Os trechos são reproduzidos conforme o original e identificados por códigos (E1 a E7).

Os registros convergem em um ponto: o patrimônio deixou de ser descrito apenas por seus atributos físicos. Para E2, o seu valor "não está apenas nas características físicas ou históricas dos espaços, mas também nas memórias, nos afetos e nos significados que as pessoas atribuem a eles". E3 afirmou que "os espaços também carregam histórias, memórias afetivas e significados construídos pelas pessoas que os vivenciam". E6 observou que "a análise arquitetônica ganha verdadeiro significado quando conectada às histórias humanas". Formulações semelhantes aparecem em E5 e E7. O vocabulário recorrente (memória, afeto, comunidade) coincide com o repertório trabalhado na disciplina. Os registros indicam, assim, apropriação desse repertório; porém, o formulário não permite afirmar que o olhar anterior dos estudantes era estritamente técnico.

Os registros também não descrevem a substituição do olhar técnico, mas sua ampliação. E5 relatou interesse em compreender "como essas construções permanecem ao longo dos anos, quais características contribuem para sua durabilidade e como podem ser preservadas". E2 e E3 refletiram sobre como a revitalização e os novos usos poderiam manter a identidade de um lugar. Memória e matéria aparecem, portanto, articuladas. O relato de E1, realizadora do documentário da Capela São Marcos, descreveu, de modo mais concreto, o que passou a ser observado:

"Com a proposta da produção de um documentário feita pelo professor, me senti desafiada a sair da zona de conforto e conhecer uma comunidade e um local que nunca tinha visto. A necessidade de registrar e contar a história da Capela São Marcos me fez captar mais detalhes sobre ela, tanto suas características físicas quanto como os moradores da comunidade se ligavam a ela. Esse contato direto com a comunidade me fez perceber que o espaço de um patrimônio cultural não é apenas sua construção e detalhes arquitetônicos, mas também é o espaço aonde a comunidade se reúne e aonde acontece a vida das pessoas. Em apenas um dia, conseguimos gravar com várias pessoas, pois todas se reuniram ao redor dela, e conhecer várias histórias da capela, pela felicidade da comunidade em falar espontaneamente. Por fim, reforço que a experiência instigou a escuta mais ativa ao que significava o espaço daquele patrimônio para a comunidade e um olhar mais atento a detalhes, desde de perceber de onde vinha o dinheiro para sua preservação até quem são as pessoas que cuidam verdadeiramente dela" (E1).

Nesse relato, a atenção se deslocou da edificação para as condições de sua permanência: "de onde vinha o dinheiro para sua preservação" e "quem são as pessoas que cuidam verdadeiramente dela". O dado concorda com o desenho da atividade, que exigiu convivência, escuta e condução de entrevistas com moradores e lideranças, procedimentos distintos do levantamento arquitetônico tradicional. E6 resumiu esse efeito ao mencionar "a potência da comunidade na construção da identidade cultural" e "o valor da empatia na prática acadêmica".

Três registros (E4, E5 e E7) descrevem o trabalho com espaços ligados às histórias das próprias famílias. E4 relatou que "as gravações com os avós mostraram o valor de passar essas histórias de uma geração para outra". E5 afirmou ter podido "resgatar lembranças da minha infância e perceber como uma edificação pode representar a passagem do tempo". E7 destacou "a importância da transmissão das memórias entre gerações". A recorrência foi coerente com o conjunto da turma: oito das doze produções trataram de residências (Tabela 1), e os estudantes foram instigados a investigar espaços vinculados às suas trajetórias de vida. A escolha, em vez de edificações legitimadas por insti-

tuições de preservação, sugere uma ampliação do que os estudantes reconheceram como patrimônio. Mas esse desenho impede separar o efeito do método audiovisual daquele do vínculo afetivo prévio com o lugar.

No campo da formação, E2 afirmou que a atividade contribuiu para "minha formação como futura arquiteta e urbanista e para um olhar mais sensível à memória e à identidade cultural". E6 referiu-se à "responsabilidade social do arquiteto e urbanista na preservação da memória coletiva". E3 mencionou a importância de "reconhecer e valorizar a história presente na cidade". As enunciações respondem diretamente à pergunta do formulário sobre impactos na formação acadêmica e cidadã. Por isso, indicam o que os estudantes consideraram ter aprendido e não o que passaram a fazer.

Os registros indicam, portanto, uma percepção declarada da ampliação do olhar sobre o patrimônio: da edificação para as memórias, os afetos e as pessoas que a sustentavam/sustentam sem abandonar a dimensão técnica. Esse resultado é compatível com a hipótese de que a curricularização da extensão, articulada com as metodologias participativas e experiências territoriais, pode ampliar os processos formativos no ensino de Arquitetura e Urbanismo. Para verificá-la, seriam necessários instrumentos aplicados antes e depois da atividade, o que se registra como limitação deste estudo.

Patrimônio como construção social: memória, afeto e território

Os documentários produzidos ao longo da experiência extensionista permitem observar o patrimônio como construção social vinculada às memórias, aos afetos e às práticas cotidianas dos territórios. Ao registrarem narrativas de moradores, familiares e lideranças comunitárias, os trabalhos sugerem que os valores patrimoniais atribuídos às edificações não decorriam exclusivamente de suas características materiais ou arquitetônicas, mas construídos a partir das relações estabelecidas entre pessoas, lugares e experiências compartilhadas ao longo do tempo.

A partir da leitura da equipe docente dos doze documentários, essa perspectiva aparece tanto nas produções dedicadas a residências familiares quanto às voltadas a estabelecimentos comerciais e à Capela São Marcos. Em diferentes produções, os depoimentos associam a relevância dos espaços a lembranças da infância, histórias familiares, celebrações religiosas, encontros coletivos e experiências de pertencimento. Essa leitura é da equipe docente, resultando da análise sistemática do conteúdo das entrevistas que não integrou os procedimentos de avaliação. Ainda assim, ela sugere que a permanência simbólica dessas edificações depende não apenas de sua conservação física, mas também da continuidade das práticas sociais e culturais que lhes atribuem significado.

O caso da Capela São Marcos permite examinar essa perspectiva a partir de depoimentos registrados no documentário (Lagemann; Kipper, 2025). Os trechos que seguem foram selecionados pelos autores do presente artigo dos depoimentos das quatro pessoas entrevistadas por ilustrarem o cuidado cotidiano com o espaço e o esforço coletivo de sua preservação. A transcrição é literal, e as supressões estão indicadas por [...]. Uma moradora descreveu a relação diária com a referida Capela:

"Eu tenho a chave da igreja, eu abro todos os domingos de manhã, de noite eu fecho. [...] Nos domingos também sempre viemos no terço. Tem missa, a gente sempre vem [...]" (Lagemann; Kipper, 2025, 08:35–08:58).

Um morador relatou como a restauração foi viabilizada:

"Foi tentado através do poder público, através de recursos federais, estaduais para restaurar e nunca saía. Então tive a coragem em 2014, conversando com a comunidade, e conseguimos restaurar através das nossas programações [...] tivemos doação da comunidade [...]" (Lagemann; Kipper, 2025, 05:15–05:40).

Os dois depoimentos associam a permanência da Capela São Marcos às práticas de cuidado e ao esforço coletivo dos moradores. Esse conteúdo dialoga com a atenção que E1, uma das realizadoras do documentário, já que passou a considerar "quem são as pessoas que cuidam verdadeiramente dela" e a "de onde vinha o dinheiro para sua preservação". Para ela, a Capela não era apenas um objeto construído, mas sim um espaço de encontro, identidade e continuidade cultural mantidas pelas práticas de cuidado e pertencimento da própria comunidade.

Os resultados observados dialogam com a análise de Choay (2001) sobre a historicidade da noção de patrimônio e com a compreensão freireana de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra (Freire, 1989). Nesse sentido, os depoimentos relativos à Capela São Marcos e à leitura docente do conjunto sugerem que o patrimônio não constitui uma realidade fixa ou exclusivamente técnica, mas um processo continuamente construído e reinterpretado por aqueles que vivem, utilizam e atribuem sentido aos espaços.

Considerações finais

A experiência analisada neste artigo permitiu refletir sobre os desafios e as potencialidades da curricularização da extensão no ensino de Arquitetura e Urbanismo. Num cenário em que as Instituições de Ensino Superior buscam efetivar a integração entre ensino, universidade e sociedade, a utilização do audiovisual como metodologia extensionista se revelou um recurso didático promissor, capaz de promover leituras territoriais e vivências formativas fundadas na escuta atenta, empatia e diálogo de saberes.

Por sua vez, os achados indicam que a produção documental ultrapassou a condição de registro formal e atuou como dispositivo de mediação cultural. A aproximação entre estudantes e comunidades favoreceu a construção compartilhada de narrativas patrimoniais e o reconhecimento de afetos, memórias e saberes locais como mostram o processo de devolutiva e a circulação pública do documentário da Capela São Marcos. Sob a ótica formativa, os registros de autoavaliação e preenchimento opcional apontam uma percepção declarada de ampliação do olhar: os estudantes descreveram o patrimônio não apenas por seus atributos estilísticos ou materiais, mas também como construção social viva sustentada pelas práticas dos territórios.

Ao finalizar, cumpre registrar as limitações deste estudo, que se centrou na análise de uma única edição do componente curricular, no aprofundamento de um estudo de caso emblemático e em registros autodeclarados de preenchimento opcional, sem mensurar os impactos sociais de longo prazo sobre os territórios. Nesse sentido, a experiência indicou que a articulação entre curricularização da extensão, audiovisual e o projeto Patrimônio Vivo apresenta potencial de adaptação a outras disciplinas e áreas do conhecimento. Ao conectar a teoria acadêmica às demandas sociais, a metodologia sugere caminhos para fortalecer a construção coletiva do conhecimento e o compromisso da universidade com a memória e a cultura dos territórios.

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 dez. 2018, Seção 1, p. 49-50. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 28 mai. 2026.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. 43 p.

LAGEMANN, Luíza Malvessi; KIPPER, Lívia Maria. **Uma visita à história da Capela São Marcos**. Produção audiovisual. Lajeado: Univates, 2025. 1 vídeo (13:57 mm:ss). Disponível em: https://youtu.be/qRiwPms-18Co. Acesso em: 15 out. 2025.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. DOI: 10.1590/S1413-24782002000100003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/. Acesso em: 4 jun. 2026.

TOMMASINO, Humberto; CANO, Agustín. Modelos de extensión universitaria en las universidades latinoamericanas en el siglo XXI: tendencias y controversias. **Universidades**, Ciudad de México, n. 67, p. 7-24, 2016. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37344015003. Acesso em: 4 jun. 2026.

UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES. **Resolução nº 008/Consun/Univates**, de 11 de março de 2021. Regulamenta a integralização curricular e as ações acadêmicas de extensão nos cursos de graduação da Univates. Lajeado: Univates, 2021.